

Notas sobre a questão sexual nos cadernos carcerários de Gramsci

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos

Diana Patrícia Ferreira de Santana

Como citar: PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos; SANTANA, Diana Patrícia Ferreira de. Notas sobre a questão sexual nos cadernos carcerários de Gramsci. *In:* BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Mulheres, gênero e sexualidades na sociedade:** diversos olhares sobre a cultura da desigualdade - volume 1. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.97-110.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-84-2.p97-110>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

NOTAS SOBRE A QUESTÃO SEXUAL NOS CADERNOS CARCERÁRIOS DE GRAMSCI¹

*Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos
Diana Patrícia Ferreira de Santana*

1. INTRODUÇÃO

Como fazer uma avaliação inicial sobre o tema da questão sexual nos cadernos carcerários de Antonio Gramsci? Esta é a questão central que motiva este ensaio.

A questão sexual é o termo usado por Antonio Gramsci para referir-se a temáticas contemporaneamente afins ao gênero e ao feminismo. Esta é a hipótese embrionária que orienta o argumento a ser desenvolvido

¹ Texto publicado na Revista Movimentação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados (V.4, N.07, 2017).

neste texto. A respeito dos temas de gênero e do feminismo, duas ressalvas importantes são necessárias.

Primeiro, não se quer sugerir uma confusão entre gênero e feminismo, duas categorias distintas e bastante complexas, não sendo o objetivo deste artigo discuti-las em profundidade. *Grosso modo*, define-se a primeira como a construção material, social, cultural, histórica, etc das imagens, significados, identidades, papéis coletivos e individuais relacionados ao homem e à mulher, tendo sido a antropóloga Gayle Rubin (1975) a pioneira ao enunciar tal categoria. Também de forma bastante simplificada define-se o feminismo como um complexo conjunto de distintas visões de mundo que possuem em comum a temática das lutas das mulheres por seus direitos e por sua emancipação, considerando-se o significado e construção de caráter histórico do patriarcado e da opressão masculina.

Segundo, não se quer enveredar por nenhum tipo de anacronismo ao associar Gramsci e seu tema em pauta – com escritos de especial foco neste texto redigidos entre 1929 e 1934 em seus cadernos carcerários – a uma categoria, neste caso específico, gênero – de lavra original de 1975. A justificativa para tal associação se encontra na própria ressignificação histórica de categorias sugerida por Gramsci metafórica e metodologicamente como “tradução”, um novo significado de conceitos em termos históricos, sociais, políticos, éticos, morais, culturais, etc, ponto coerente com o historicismo absoluto que caracteriza seu pensamento. Gramsci enunciou que uma tradução não mecânica ou esquematicamente genérica, orgânica, profunda, rica e complexa só atinge sua consecução no âmbito da Filosofia da práxis, léxico por ele utilizado para se referir ao materialismo histórico (GRAMSCI, 1975, p. 1468). A tradução como a ressignificação coerente em questão de outras idéias e categorias de autores com aparatos teóricos alheios ao marxismo, permite assim compatibilizá-los com o materialismo histórico e viabilizaria também evitar uma perspectiva eclética com a presença de formulações incompatíveis ou estranhas à Filosofia da práxis. Acima de tudo, a tradução e a contextualização de categorias no âmbito do materialismo histórico ensejam uma historicidade e um caráter dialético – de permanente transformação - pautado pela ausência de significados estáticos, únicos. Portanto, ponto coerente com a historicidade dinâmica de idéias – e obviamente com historicismo absoluto de Gramsci - e conceitos

na qual a categoria de gênero se insere como contribuição relevante na trajetória de novos referenciais analíticos para enriquecer o marxismo.

Justifica-se também o entendimento acima da questão sexual pelo fato de que Gramsci não se refere de forma simpática aos termos “feminismo”, “machismo” e “machista”. A título de explicação, o termo “feminismo” aparece seis vezes em seus escritos nos cadernos (GRAMSCI, 1975, p. 130, p. 902, p. 1792, p. 2160). Em nenhum deles, Gramsci o emprega de forma simpática ou posicionando-se favoravelmente. Ao contrário, quando não refere a eles de forma mais descritiva aludindo à história da unificação nacional italiana e à literatura da península – nos termos assistemáticos, incompletos e fragmentários da escrita carcerária gramsciana -, o faz, por vezes, entre aspas com conotação irônica, pejorativa, dando a entender tratar-se de algo contrário ao sentido emancipador da mulher (GRAMSCI, 1975, p. 2160). Também os usos dos termos “machismo” (GRAMSCI, 1975, p. 2160) e “machista” (GRAMSCI, 1975, p. 130, p. 302, p. 2160, p. 2286) aparecem entre aspas nos seus escritos. Conforme já explicou Álvaro Bianchi, o uso das aspas denota o não pertencimento à filosofia da práxis, ao passo que o mesmo vocábulo ou expressão em momento posterior sem as aspas significa uma incorporação ao aparato gramsciano com um significado um pouco diferente (BIANCHI, 2008, p. 52). Ainda que seja redundante reiterar isto, diferentemente do raciocínio exposto por Bianchi, ressalta-se que os termos mencionados não aparecem sem aspas nos cadernos carcerários gramscianos, não sendo, portanto, incorporados ao léxico gramsciano. Acrescente-se, por fim, que Gramsci, assim como a maioria de seus contemporâneos marxistas, não era muito fluente nas questões do feminismo de sua época (HOLUB, 1992, p. 189).

O texto percorrerá as seguintes etapas: uma definição e discussão do tema da questão sexual conforme Gramsci, um cotejo de dois momentos diferentes de sua lavra carcerária - o parágrafo 62 do caderno carcerário 1² e o parágrafo 3 do caderno carcerário 22³ - sobre a categoria em pauta e alguns de seus nexos e contextos abordados sumariamente, com uma breve

² Um texto catalogado na edição crítica italiana dos cadernos carcerários gramscianos organizada pela equipe de pesquisadores coordenada por Valentino Gerratana (GRAMSCI, 1975) como um texto “A”, isto é, de primeira redação. Foi escrito provavelmente entre fevereiro e março de 1929 (FRANCIONI, 1984, p. 140).

³ Um texto classificado na edição crítica dos cadernos carcerários gramscianos (GRAMSCI, 1975) como um texto “C”, ou seja, um texto de segunda escrita em relação ao texto de primeira lavra classificado como “A”, com alterações ou não. Neste caso específico, há alterações da primeira para a segunda redação. Escrito provavelmente entre fevereiro e março de 1934 (FRANCIONI, 1984, p. 145).

conclusão com o resumo dos principais argumentos e o ensejo para novas reflexões sobre o tema em tela.

1. UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA À QUESTÃO SEXUAL NOS CADERNOS DE GRAMSCI

Adam Morton (2007, p. 104) destaca a inadequação do termo “questão sexual” para tratar do que seria contemporaneamente designado como gênero, uma outra justificativa para a hipótese embrionária aqui trabalhada. Como se sabe e já destacou Gayle Rubin (1975, p. 204) ao enunciar pioneiramente tal categoria, não se pode pautar a discussão envolvendo papéis masculinos e femininos somente em uma perspectiva biológica ou no mote sexo-gênero na medida em que a opressão exercida sobre homens e mulheres se dá também na obrigatoriedade de exercer sexualidades e papéis sexuais. Neste momento da argumentação, Rubin justifica final e sutilmente porque avalia ser mais adequada a terminologia “gênero” do que “sexo-gênero”. Rubin culmina com esta formulação após interessante diálogo construtivo com várias tradições intelectuais, inclusive em pontos que avalia como muito pertinentes das formulações de Marx e Engels para, inclusive, um maior aprofundamento e desenvolvimento de teses dos cânones do materialismo histórico sobre o papel histórico das mulheres. A tradução e, conseqüentemente, a ressignificação da questão sexual tal como tratada por Gramsci para uma abordagem nos termos de gênero poderia ser um ponto coerente com sua preocupação em termos de um raciocínio adequado de suas categorias à transformação e dinamismo históricos – inclusive de categorias -, algo relacionado àquilo que ele chamou de historicismo absoluto.

A sua reflexão sobre a questão sexual compõe, em parte, a discussão sobre a hegemonia enquanto concepção de mundo mais ampla. Na sua forma completa a hegemonia tem inúmeros aspectos e componentes em termos ideológicos, ético-políticos, econômicos, sociais, morais, sexuais, culturais, históricos, econômicos, militares etc. Formada pelo nexos orgânico entre força e o predomínio do consenso por meio da sociedade civil, ela implica na dominação e, principalmente, na direção de um grupo ou fração de elite ou classe sobre outros extratos sociais. A forma completa de hegemonia remete principalmente a radicais e

profundas transformações em termos de concepção de mundo, tomando como exemplos a fase jacobina da Revolução Francesa e a Revolução Russa de Outubro de 1917.

Um dos contextos nos quais a questão sexual é tratada por Gramsci remete ao já mencionado caderno carcerário 22 (intitulado “Americanismo e Fordismo”) no qual aborda (GRAMSCI, 1975, p. 2139-2181) vários aspectos da nascente hegemonia norte-americana analisada em termos de hipótese de uma revolução passiva, uma forma incompleta de hegemonia que se relaciona a uma transformação conservadora em que predomina a força exercida através do Estado e não da sociedade civil, em que há a incorporação de algumas demandas das classes e grupos subalternos e a cooptação de alguns de seus membros, sem dar protagonismo a tais classes e grupos. Esta é uma definição bem grosseira da revolução passiva, dado que a historicidade de tal categoria nos cadernos prisionais de Gramsci refere a contextos bem particulares e distintos nos quais ela é sugerida para análise em termos de hipótese: o processo histórico italiano desde a unificação no século XIX até o fascismo no século XX, o processo histórico francês no século XIX e o processo histórico norte-americano no início do século XX. Uma outra hipótese enunciada nos cadernos, mas não desenvolvida, é de que a revolução passiva poderia ser a chave histórica para as análises da maioria dos processos históricos posteriores à Revolução Francesa em termos dos nexos nacionais com o âmbito internacional, conformando um sistema internacional pautado por uma passivização – e, conseqüentemente, uma neutralização – em relação à formação de uma nova vontade coletiva de cunho popular (GRAMSCI, 1975, p. 1560).

Por sua vez, a nascente hegemonia estadunidense é retratada em contexto amplo em que a temática relacionada às mulheres é abordada. Em rápido cotejo com o plano europeu, Gramsci constata a existência de condições sociológicas, demográficas muito mais favoráveis a uma hegemonia dos Estados Unidos em termos de um terreno fértil para uma nova concepção de mundo que tem no seu conteúdo Fordista algo bem mais amplo do que um modelo de gestão. Além de uma estrutura de classes muito mais favorável do que o velho continente, despida de elementos intermediários parasitários e menos favoráveis à produção em massa, os Estados Unidos tiveram nas suas relações fundamentais alguns componentes relevantes na sua formação e trajetória histórica no sentido de

racionalizar nervos e músculos para a intensificação da produção. A busca desta nova disciplina fabril tinha o ensejo inicial na própria fábrica, como escreveu Gramsci (1975, p. 2146), em termos até de um salário maior, mas sem a possibilidade de sindicatos abrangentes em sua base territorial e sim pulverizados por local de trabalho. Tal lógica também não tinha a intenção de minorar a exploração do trabalho pelo capital. A reorganização de tais relações sociais e de posturas a serem exigidas dos operários em contexto proibicionista do álcool, do controle sobre as posturas dos operários após o trabalho incidia também sobre o conjunto de temas que Gramsci catalogou como “questão sexual”. Incluía também uma visão de consumo moderada, com a poupança de dinheiro – visando obviamente o consumo - e se comportassem em termos de uma vida “regrada” e monogâmica fora do trabalho. Henry Ford, fundador da montadora homônima, chegou a enviar em 1916 assistentes sociais às casas de seus trabalhadores para que checassem tais posturas (HARVEY, 1992, p. 126).

Tratemos de forma mais específica do tema a seguir.

2. DOIS MOMENTOS SOBRE A QUESTÃO SEXUAL NOS CADERNOS DO CÁRCERE

O contexto de idéias de grande repercussão no período da escrita gramsciana é um dos pontos relevantes a ser contemplado a respeito da compreensão da questão sexual, dentre elas as de Freud, o fundador da psicanálise, perspectiva analítica da psiquê humana que coloca em grande relevo a sexualidade. Assim, a racionalização do instinto sexual no esteio do que era considerado apropriado para tais operários a fim de possuir nervos e corpos adequados à nova e intensa produção em massa se inseriria não somente no rol das questões atinentes às mulheres. Além disto, há que se considerar os nexos das questões atinentes às mulheres com o tema da sexualidade na relação e com o enorme impacto cultural das elaborações de Freud no campo da psicanálise.

A abordagem da psicanálise freudiana possui uma complexa relação com o pensamento e a vida de Gramsci - em particular suas cartas trocadas com a esposa Giulia (GRAMSCI, 1973), que fazia tratamento psiquiátrico e psicanalítico na União Soviética. Todavia, ressalve-se que

Gramsci entrou em contato com o aparato freudiano apenas de forma indireta, sem ler, portanto, os originais ou traduções dos textos do médico austríaco. A relação complexa em questão, em sua profundidade, não se constitui no foco prioritário deste texto⁴.

O próprio Gramsci ressalva o amplíssimo papel da questão sexual (GRAMSCI, 1975, p. 2147). Assim, Gramsci enumera vários aspectos. Dentre eles, na linha de raciocínio que antecede o trecho que constitui o foco principal desta breve análise, Gramsci constata a percepção sobre a sexualidade feminina oscilante entre o ideal estético do “esporte” e da reprodução ou do que chama de “brinquedo” (GRAMSCI, 1975, p. 2148). Escrito de outra forma, a mulher vista como um verdadeiro objeto ou algo menor, acessório, desprezível frente ao homem.

Em seguida, Gramsci analisa vários aspectos históricos e sociológicos que incidem sobre a avaliação da hegemonia que tangenciam a Europa e os Estados Unidos. Posteriormente, enuncia o trecho que se constitui em um dos focos centrais de análise deste ensaio. O trecho em questão é uma retomada com alterações (um texto “C” assim catalogado na edição crítica dos cadernos) de um texto “A” (de primeira redação). Comparemos e destaquemos trechos e palavras em comum de ambos:

Quadro 1 – Comparativo entre textos A e C sobre a questão sexual

Texto A	Texto C
<p>A mais importante questão é a defesa da personalidade feminina: já que a mulher não realmente conseguiu uma independência em face do homem, a questão sexual estará repleta de aspectos mórbidos e terá a necessidade de cautela em lidar com ela e em elaborar conclusões legislativas. A abolição da prostituição legal irá trazer consigo imediatamente muitas dificuldades: além da frustração que acontece com qualquer crise de compressão. Trabalho e sexualidade. É interessante como os industriais americanos estão preocupados com as relações sexuais de seus empregados: a mentalidade puritana, no entanto, busca uma necessidade óbvia: não pode haver trabalho produtivo intenso sem</p>	<p>A mais importante questão ético-civil ligada à questão sexual é a da formação de uma nova personalidade feminina: enquanto a mulher não tiver alcançado não apenas uma real independência em face do homem, mas também um novo modo de conceber a si mesma e a seu papel nas relações sexuais, a questão sexual continuará repleta de aspectos mórbidos e será preciso ter cautela em qualquer inovação legislativa. Toda crise de coerção unilateral no campo sexual traz consigo um desregramento ‘romântico’, que pode ser agravado pela abolição da prostituição legal e organizada. Todos estes elementos complicam e tornam difícil qualquer regulamentação do fato sexual e</p>

⁴ Para uma excelente avaliação sobre a relação entre o pensamento e a vida de Gramsci com as elaborações de Freud, consultar BONI, 2017.

regulação do **instinto sexual**⁵ (GRAMSCI, 1975, Q1, §62, p. 73-74, tradução nossa, grifo nosso).

qualquer tentativa de criar uma nova ética sexual adequada aos métodos de produção e de **trabalho**. Por outro lado, é necessário encaminhar esta regulamentação e a criação de uma nova ética. Deve-se observar como os **industriais** (especialmente Ford) se interessavam pelas **relações sexuais de seus empregados** e, em geral, pela organização de suas famílias; a aparência de ‘puritanismo’ assumida por este interesse (como no caso do proibicionismo) não deve levar a avaliações erradas; a verdade é que não se pode desenvolver o novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do **trabalho** enquanto o **instinto sexual** não for adequadamente regulamentado, não for também ele racionalizado (GRAMSCI, 1975: Q22, §3, p. 2149-2150, destaques nossos)⁶.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A fragmentária, incompleta e descontínua grafia de Gramsci na prisão fascista é exemplificada pelo comparativo acima demonstrado. São trechos que distam provável e aproximadamente cinco anos um do outro. Eles possuem em comum, entre outros pontos, as palavras e expressões da personalidade feminina e a mais importante questão que a tangencia, a ausência de consecução da independência da mulher frente ao homem, além da enorme morbidade da questão sexual, a necessidade de cautela para lidar com tal tema, inclusive no que se refere ao aspecto das leis concernentes. Também interseccionam os dois trechos os aspectos mórbidos da questão sexual, a preocupação com a abolição da prostituição legal, com o trabalho, o instinto sexual, os industriais e seu interesse pelas relações sexuais de

⁵ Assim escrita no original (GRAMSCI, 1975, p. 73-74): “La questione più importante è la salvaguardia della personalità femminile: finché la donna non abbia veramente raggiunto una indipendenza di fronte all’uomo, la questione sessuale sarà ricca di caratteri morbosi e bisognerà esser cauti nel trattarla e nel trarre conclusioni legislative. già molte difficoltà: oltre allo sfrenamento che succede a ogni crisi di compressione. Lavoro e sessualità. È interessante come gli industriali americani si interessino delle relazioni sessuali dei loro dipendenti: la mentalità puritana vela però una necessità evidente: non può esserci lavoro intenso produttivo. L’abolizione della prostituzione legale porterà con sé senza una regolamentazione dell’istinto sessuale”.

⁶ A tradução deste trecho do caderno 22 foi extraída de um dos volumes da edição brasileira dos cadernos carcerários gramscianos organizada e traduzida por Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira (GRAMSCI, 2001, p. 75-76). A referência usada nesta comparação designa “Q” como o número do caderno carcerário e “§” o número do parágrafo.

seus empregados e a relação disto com um ritmo de trabalho mais intenso, convenientemente travestido por um decoro puritano.

A análise da questão sexual inserida no quadro mais amplo de uma hegemonia – esta última, manifestada pela expressão “questão ético-civil” - no texto de segunda redação é realizada quando Gramsci anuncia a necessidade de uma nova emancipação feminina frente ao homem e à histórica estrutura patriarcal, cuja transformação será inócua se ficar somente no âmbito da mudança das leis. Na primeira lavra, a personalidade feminina emancipada não é associada à hegemonia, ao conjunto de aspectos que fundam uma concepção de mundo, uma “questão ético-civil”⁷. Não se deve ignorar a intenção de Gramsci anunciada logo no início do plano dos seus cadernos de tratar da temática do Americanismo e do Fordismo na lista dos temas que pretendia abordar em sua escrita (GRAMSCI, 1975, Q1, p. 5). Assim, deve-se considerar também que os distintos ritmos de sua elaboração pouco a pouco ampliaram o escopo de sua formulação, introduzindo assim a temática da hegemonia e da congênere Fordista posteriormente.

Ainda nos textos “A” e “C” em tela, aparece o tema da “prostituição legal e organizada”. Gramsci parece, entre outros pontos, aludir a uma passagem que é grafada mais adiante no caderno 22. Menciona a proliferação da mentalidade da prostituição real e a sua efetivação no tratamento às mulheres ao ser travestida por frágeis formalidades jurídicas (GRAMSCI, 1975, Q22, § 11, p. 2168-2169). Industriais milionários que tratam suas filhas e mulher como “mamíferos de luxo”, os concursos de beleza – dentre eles, um que envolveu em 1926 30.000 italianas que enviaram fotos em trajes de banho para a companhia cinematográfica Fox -, o teatro, os concursos para atores cinematográficos, o “tráfico de mulheres” legalizado para as classes altas e a permissividade envolvendo casamentos e divórcios a bordo de navios que cruzavam o Oceano Atlântico. Mais uma vez, é colocado em relevo o descarte, o desprezo e a opressão vivenciada pela mulher. O contraste com tudo isso nos dois textos é apresentado com a mentalidade puritana ou puritanismo, que alcança somente as classes e grupos subalternos hegemonizados pela burguesia promíscua, em particular seus homens. Enquanto os instintos sexuais dos operários devem

⁷ Evidentemente que um desdobramento deste entendimento no âmbito da tradução e atualização do legado teórico-prático gramsciano em termos do materialismo histórico não comportaria no momento da escrita deste texto somente uma mera emancipação feminina, dada a enorme complexidade teórico-prática da temática de gênero.

ser controlados e racionalizados para a adequação de corpos e nervos à produção em massa, os homens burgueses ficam alheios a tudo isto.

A “crise de compressão” (no texto “A”) ou “crise de coerção” (no texto “C”) – a crise dos padrões de educação e de várias formas de conduta violenta que afetam a condição feminina - que caracteriza tal situação para as mulheres pode levar àquilo nomeado como “desregramento romântico”, uma transformação nos padrões outrora hegemônicos de opressão feminina. Gramsci desdobra disto a dificuldade de construir uma nova hegemonia e simultaneamente a busca de uma nova concepção de mundo relacionada, entre outros pontos, à questão feminina no âmbito do Fordismo, também referida como “uma nova ética sexual”.

Outro ponto para a análise é alusivo aos “aspectos mórbidos”, mencionados nos dois textos. Conforme analisa Livio Boni (2017, p. 88-89), tal expressão remete ao mal-estar coletivo e individual da civilização na acepção freudiana. Por outras palavras, haveria na incompleta escrita carcerária de Gramsci indícios de uma ressignificação crítica do legado de Freud no sentido de apontar em algumas classes e grupos um caráter místico, religioso, “fanático”, de cunho autoritário. Tais pontos remeteriam aos mencionados “aspectos mórbidos”. A absorção crítica de Freud por Gramsci – uma “tradução”, portanto - apontaria para a superação de tal mal-estar, inseparável em relação à superação da civilização liberal na construção de um “novo tipo humano”, coletivo e individual, coerente com uma nova consciência livremente aceita, espontânea, libertária.

Ainda no esteio da argumentação do trecho de segunda elaboração, Gramsci sugere que o nexa entre trabalho e sexualidade como parte da hegemonia em sentido mais amplo inclui o instinto sexual devidamente disciplinado e regulamentado para atender às exigências do ritmo e características do trabalho racionalizado. Tal temática é mais desenvolvida no texto “C” apontando a preocupação especial de Henry Ford – o fundador da montadora homônima - com o tema, sugerindo que o puritanismo e o proibicionismo são uma aparência para a consecução das condições adequadas para o trabalho fabril nas suas novas configurações. Não ao acaso Gramsci cita no texto “C” o “novo tipo de homem”, mais uma vez reforçando um sentido relacionado a uma hegemonia, a uma verdadeira concepção de mundo. Ao longo do caderno 22, conforme já tratado em parte acima, Gramsci explora neste contexto também a

oposição entre a exigência da monogamia para as classes menos abastadas no contexto das exigências do ritmo do trabalho fabril e a promiscuidade para as classes altas.

Feitas tais considerações analíticas iniciais sobre os trechos em tela e uma breve análise e explicação referente à questão sexual conforme Gramsci, apontaremos considerações conclusivas e palavras finais sobre esta análise embrionária.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o plano inicial, entendemos ser pertinente assinalar uma síntese de argumentos relevante e alguns pontos para futuros desdobramentos analíticos e reflexivos. Começemos por esta última perspectiva, ou seja, possibilidades futuras de relações e nexos a serem aprofundados e desenvolvidos.

Entendemos que não seria uma coincidência apontar, ao menos, uma certa aproximação de argumento – ainda que haja entre ambos enormes diferenças conceituais e teóricas, além de distintos contextos históricos – entre a pioneira da abordagem de gênero Gayle Rubin e Gramsci. A antropóloga destaca justamente a necessidade não somente de desenvolver argumentos de Marx e Engels referentes ao “elemento histórico e moral”, como também da produção dos meios de existência e dos próprios seres humanos em termos de sua reprodução, pontos que se relacionam com o sexo, sua posição em relação ao patriarcado de diferentes sociedades e a própria opressão do sexo e seu nexos com o formato das mesmas (RUBIN, 1975, p. 164, p. 165, p. 204). Mais do que isso, Rubin destaca a distinção de gênero como uma construção histórica nas diversas sociedades e a possibilidade de uma discussão sobre a mulher em seus diferentes papéis como equivalente de troca, como partícipe de uma relação mediada por uma mercadoria, uma coisa. Algo dotado de sentido social holista, de infinitas variáveis, de totalidade e, portanto, semelhante aos termos da crítica marxiana aos termos economicistas da economia política. Algo que se inseriria àquilo que Rubin aludiu metaforicamente – como eco das formulações de Marx - em uma verdadeira “economia política do sexo” (RUBIN, 1975, p. 204-205). Rubin estabelece, à sua própria maneira em diferente contexto argumentativo e evidentemente com algumas

diferenças, um sentido semelhante àquilo que Gramsci denominou como “prostituição legalizada e organizada”. Por outras palavras, considerando-se que Marx definiu as mercadorias não somente em seu sentido mercantil e econômico, mas algo a atender a qualquer necessidade humana em contexto social, a mulher vista de forma coisificada, reduzida à condição de mercadoria, se aproximaria da perspectiva mencionada de alguém inserida na prostituição de cunho legal e organizado, tal como Gramsci referiu de forma mais específica.

Conforme escrito no parágrafo anterior, a questão não é só econômica ou focada em um único aspecto. Entendemos que a abordagem de gênero pioneira de Rubin sugere tal trilha. Não enfatiza um único ponto e é sensível às transformações e ao dinamismo histórico. Um dos argumentos usados para justificar a aproximação e a relação do que Gramsci formulou como “questão sexual” entre 1929 e 1934 foi justamente a historicidade de seu pensamento, que permitiria reinterpretá-lo em termos da historicidade e dinamismo de suas idéias e categorias serem ressignificadas, viabilizando assim uma leitura contemporânea compatível com a recente categoria de gênero. Portanto, seria possível ressignificar, traduzir a “questão sexual” em termos da enorme complexidade e dinamismo que permeia toda a complexificação que a categoria de gênero assumiu e ainda assume no momento de lavra desta reflexão. Entendemos que há ainda outro ponto coerente com o dinamismo e a totalidade aludidas nestes dois últimos parágrafos.

Retomemos uma discussão aprofundada e desenvolvida em outro momento (PASSOS, 2017). Muito se menciona a respeito justamente da abordagem de gênero ser inter-relacional, como a sua autora pioneira Gayle Rubin também o fez. Algo, portanto, que se aproxima da já mencionada análise de totalidade do materialismo histórico. Assim, a abordagem de Gramsci também pode ser aproximada da perspectiva de gênero na medida em que também contempla um lastro inter-relacional, como de resto outras análises marxistas que se baseiam na perspectiva marxiana da totalidade (MARX, 2011) ou categorias próximas desta, como a do desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky (1977), que vislumbra a possibilidade de explicar os tempos – as várias velocidades de mudança, de desenvolvimento, de conflito das diversas sociedades - das várias possibilidades de produção da vida e da sua transformação vista de

forma completa. Em uma palavra, uma dinâmica desigual em suas várias possibilidades, mas integrante de um todo.

Seguindo tal linha de raciocínio para chegar ao pensamento do comunista italiano, Gramsci não menciona a noção marxiana de totalidade em sua obra, mas enuncia o vínculo orgânico entre história, filosofia e política, formulação mais próxima que existe no seu pensamento em relação à totalidade no sentido marxiano. Assim, a questão sexual se constitui em tema inserido em análise mais ampla, em que há múltiplas relações sociais fundamentais, moleculares envolvendo indivíduos, grupos, classes e elites a serem avaliadas em conjunto com as questões interestatais. Neste contexto aparece a avaliação da questão sexual como um dos motes fundamentais de exame da nova concepção de mundo emergente no início do século XX.

É possível notar até aqui como a preocupação gramsciana sobre a hegemonia dos Estados Unidos busca estabelecer um elo da questão internacional com o nacional nas suas relações sociais fundamentais, nos aspectos moleculares, pontos normalmente negligenciados nas análises concernentes a tal tema, focados somente nas questões das relações interestatais, políticas entre os diferentes países.

Avançar na análise da questão sexual como aspectos concernentes ao gênero implica aprofundar vários destes aspectos que compõem a nascente hegemonia dos Estados Unidos da América, bem como as várias motivações e fontes gramscianas por trás da escolha de seus léxicos.

REFERÊNCIAS

- BIANCHI, Álvaro. *O Laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.
- BONI, Livio. Sigmund Freud. In: PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos; ARECO, Sabrina (org.). *Gramsci e seus contemporâneos*. Marília, São Paulo: Oficina Universitária, Cultura Acadêmica, 2017. p. 115-144.
- FRANCIONI, Gianni. *L'Officina Gramsciana: ipotesi sulla struttura del "Quaderni del carcere"*. Nápoles: Bibliopolis, 1984.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.

- GRAMSCI, Antonio. *Lettere dal Carcere*. Torino: Einaudi, 1973.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Torino: Einaudi, 1975.
- HARVEY, David. *The condition of postmodernity: an enquiry into origins of cultural change*. Cambridge: Blackwell, 1992.
- HOLUB, Renate. In lieu of a conclusion: Gramsci, feminism, Foucault. *In: HOLUB, Renate. Antonio Gramsci: beyond marxism and postmodernism*. New York: Routledge, 1992. p. 185-197.
- MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORTON, Adam David. *Unravelling Gramsci: hegemony and passive revolution in the Global Political Economy*. London: Pluto Press, 2007.
- PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. Mulheres e gênero nas Relações Internacionais: para além das “prisões cotidianas” e epistemológicas. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, Marília, v. 3, n. 1, p. 47-64, jan./jun. 2017.
- RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: notes on the “Political Economy” of Sex. *In: REITER, Rayna R. (org.). Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review, 1975. p. 157-210.
- TROTSKY, Leon. *A história da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.